

RELATO DE EXPERIÊNCIA:
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO PEDAGÓGICA DA UEL

Emily Karoline Correia (UEL)

RESUMO: O presente artigo apresenta resultados de experiências vivenciadas em estágio curricular supervisionado obrigatório no Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL - Professor José Aloísio Aragão, em Londrina-PR, na disciplina de Língua Portuguesa, em três turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II. Possui como objetivo retratar o processo vivido desde a inserção do estagiário no colégio, até o momento da regência, trazendo também reflexões sobre o sistema educacional e a importância do estágio na vida acadêmica do aluno do curso de Letras. Além disso, descreve os conteúdos trabalhados e as ações realizadas em sala — com destaque para o trabalho realizado com “Memórias Literárias”, gênero textual cobrado na Olimpíada de Língua Portuguesa em 2019 —. Os resultados desta experiência confirmam a importância do estágio supervisionado para a formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Língua Portuguesa; Reflexões.

Introdução

É fato que em qualquer curso de graduação existe a crença de que o estágio é uma parte essencial da formação acadêmica, é o momento onde finalmente o estudante vai além da teoria e consegue decidir se é aquilo que deseja exercer. Em cursos de licenciatura isso não é diferente: para muitos estudantes este é o primeiro contato com o ambiente escolar após terem finalizado o ensino médio, e também é a primeira vez em que vê uma sala de aula pelo ponto de vista do professor. Aliás, é de praxe os estagiários chegarem ao ambiente escolar trazendo consigo muitas crenças, medos e até mesmo preconceitos influenciados, geralmente, pela própria vida escolar, família e sociedade. Todos esses paradigmas só encontram a chance de serem quebrados quando o futuro docente passa pela prática em si.

De acordo com Pajares (1992, p. 316),

Como exemplos típicos de crenças educacionais dos professores tem-se: confiança para influenciar a performance dos alunos, ou seja, crença na eficiência do professor; crença sobre a natureza do conhecimento, ou seja, uma crença mais de caráter epistemológico; crença sobre as causas das performances dos professores ou dos estudantes, como por exemplo,

obsessão pelo controle da classe; papéis que devem representar os professores e papéis reservados aos alunos [...].

Portanto, é importante fazer com que essas crenças sejam de fato superadas, para que não ocorram conflitos internos que tornem o futuro docente, desde então, alguém desmotivado e infeliz com sua carreira, fato que interfere negativamente na qualidade do ensino. Para auxiliar nesses problemas, segundo Pimenta (1999), é fundamental que o estágio seja supervisionado tanto pelo professor que leciona a disciplina no colégio quanto pelo orientador:

É imprescindível, assim, a imersão nos contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula, essa é a maneira mais efetiva de proporcionar aos estagiários um contato com o ambiente em que irão atuar. (PIMENTA, 1999, p.15)

Por outro lado, além da necessidade da presença do supervisor durante todo o período do estágio, o autor Perrenoud (2002) defende que a prioridade na formação de docentes deveria ser a prática reflexiva, que vai muito além de uma simples familiarização com a profissão ocorrida durante o estágio, pois o estímulo à reflexão terá como resultado um profissional com caráter muito mais crítico, que saberá diagnosticar seus erros e encontrar solução para eles.

Enfim, mesmo com o auxílio de supervisores e orientadores, e também com a prática reflexiva, o ambiente escolar não deixa de ser complicado para o estagiário e até mesmo para o professor. A missão de conseguir ensinar os conteúdos é infinita durante a vida dos profissionais da área, afinal não se trata de uma dificuldade enfrentada somente nos anos iniciais como em outras profissões, principalmente no caso de professores da língua portuguesa: primeiramente é difícil convencer o aluno de que ele precisa estudar sobre um idioma no qual ele já é fluente, e por conseguinte, dar conta de todo o conteúdo exigido nas PCNs também não é uma tarefa simples.

1. Metodologia

O estágio aconteceu entre os meses de maio e junho de 2019, no Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL - Professor José Aloísio Aragão, localizado em Londrina-PR.

O referido colégio foi estabelecido em 1960 a partir do Decreto Lei Federal nº 9.053 de 12/03/1946, a qual obrigava as universidades de Letras, Ciências e Filosofia que formavam docentes, a manter um colégio de aplicação para que os alunos matriculados nos respectivos cursos tivessem uma oferta maior de campos de estágio curriculares e experimentação pedagógica. Segundo a proposta pedagógica do colégio (atualizada em 2016), a função social da instituição é “socializar os conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos, garantindo ao aluno uma formação escolar que possibilite maior compreensão do mundo” (UEL, 2016). Também segundo a PPP, o quadro docente é constituído por 81 professores, e mais 44 funcionários que são divididos entre agentes educacionais e a equipe pedagógica. As três turmas que foram disponibilizadas para a prática do estágio eram do 6º ano do Ensino Fundamental, todas com média de 30 alunos. A professora regente da turma foi a Dra. Mariana Vidotti de Rezende Haully e a seguir constará relatos feitos a partir das observações e regências praticadas durante o período do estágio.

2. Resultados obtidos na observação e regências

Ainda durante as observações, a professora estava começando a trabalhar o conteúdo que viria a ser cobrado na Olimpíada de Língua Portuguesa, o gênero Memória Literária (trata-se de um gênero que recupera uma época com lembranças pessoais, ou seja, uma narrativa que relata fatos e ocorridos do passado). O material mais utilizado foi um livro disponibilizado pelo governo, chamado “Se bem me lembro...” que contém diversos exemplos desse gênero. Além disso, foram utilizados vídeos e até mesmo áudios gravados pela mãe da professora, relatando fatos do passado, para os alunos utilizarem como base para criar um texto do respectivo gênero. No geral, senti que os alunos sentem um carinho imenso e são muito respeitosos com a professora regente, apesar de presenciar vários momentos de extrema falação, (geralmente quando é a última aula do dia, ou a aula que antecede o intervalo) e também fui muito bem recepcionada e devido a isso o medo e a insegurança que eu sentia diminuiriam significativamente.

Durante o trabalho com esse gênero, analisamos junto com aos alunos, além do conteúdo temático, o local de circulação, do público-alvo, os aspectos linguísticos, como: linguagem denotativa e conotativa, hipérbole, tipos de narrador, a diferença entre acento

agudo e crase, e até mesmo o gênero entrevista. O maior desafio foi fazer com que os alunos compreendessem o que de fato é uma memória literária, e isso se mostrou evidente na primeira produção que fizeram: a partir de um relato contado pela mãe da professora regente, em grupos, eles precisavam escrever um texto correspondente ao gênero. Os alunos tiveram cerca de três aulas para finalizarem a atividade, o tempo todo com auxílios da minha parte e da professora regente, e o tempo todo foi ressaltado que eles precisariam acrescentar na produção as percepções que tiveram diante do relato.

Posteriormente, quando realizei a correção das produções ficou claro que, diante da exigência da inclusão das percepções, muitos grupos acabaram mudando totalmente a história, transformando o texto em uma narrativa qualquer, e não uma memória literária. Para reparar essa inadequação, — que inclusive coincidiu com uma das primeiras regências — a professora produziu um texto que atendia às expectativas de uma memória literária para compará-lo com produções dos alunos. As produções foram apresentadas às turmas por meio do data-show e, após a leitura delas, foi questionado aos alunos qual texto estava melhor e por quais motivos. Vários alunos conseguiram apontar o que estava fora da proposta, mas, mesmo assim, tudo foi explicado novamente e foi disponibilizado um tempo para dúvidas que restaram.

Algumas aulas depois, uma segunda atividade de produção foi posta em campo: cada aluno, individualmente, teria que fazer uma entrevista com um familiar, solicitando um relato de um fato do passado, (para depois produzir uma memória literária em sala) também deixei claro que eles deveriam fazer outras perguntas durante o relato para que não faltasse nenhum dado importante. Para auxiliar na entrevista, foi realizada uma pequena atividade em sala, na qual os alunos precisaram imaginar quais perguntas seriam necessárias/importantes para o decorrer da entrevista. As mais citadas foram:

- Quando isso aconteceu?
- Quem eram as pessoas envolvidas?
- Onde aconteceu?
- Como você se sente em relação a essa história?

Quando o dia de trazer a entrevista pronta chegou, senti a falta de compromisso de vários alunos em relação às tarefas de casa, mesmo sendo solicitadas com antecedência. Em uma das turmas vieram mais de dez alunos sem a tarefa, e nesse caso a professora regente me

auxiliou com a situação, encaminhando alguns alunos para uma conversa com a pedagoga, e estipulando um novo prazo para entrega.

Pois bem, a partir dessa entrevista que eles trouxeram, a atividade em sala foi escrever, individualmente, uma memória literária. Muitos alunos conseguiram produzir o texto com apenas uma aula, outros precisaram de uma segunda aula para finalizar. Quanto aos resultados, durante as correções pude ler muitas histórias interessantes e bem escritas (apesar de muitos erros gramaticais), em um caso percebi que o aluno não realizou a entrevista de fato, e acabou inventando uma entrevista a partir dos textos que lemos durante o estudo do gênero. Houve casos também de histórias sem sentido algum, que me deixaram em dúvida se a entrevista realmente aconteceu, mas sem dúvida os foram satisfatórios em comparação com a atividade realizada em grupo, acredito que após a leitura comparativa em sala e a entrevista produzida, o gênero finalmente passou a fazer sentido. O conteúdo foi finalizado com uma atividade avaliativa sobre o gênero e seus aspectos linguísticos que também obteve resultados bons/medianos e também coincidiu com o final da minha regência.

Conclusão

O estágio supervisionado é uma disciplina que possui como objetivo trazer aos graduandos uma oportunidade de relacionar teoria e prática com a realidade do cotidiano escolar. Em minha turma, muitos alunos já dão aula ou já possuem experiência com a liderança de uma sala de aula, no meu caso, foi a primeira vez. O valor desse tipo de experiência é imensurável para quem anda em dúvida se vale a pena finalizar o curso, que é o meu caso. Observar as aulas, auxiliar, realizar as regências, corrigir provas e principalmente ter contato com crianças foi um incentivo para continuar frequentando as aulas na universidade e passar a me dedicar um pouco mais.

Certamente o acolhimento da professora regente e dos alunos com o estagiário reflete diretamente nas reflexões obtidas a partir de toda a experiência, no meu caso, (como já citei anteriormente) fui muito bem acolhida por todos e uma experiência que eu acreditava que seria árdua passou a ser agradável e até sinto falta. Agora, volto a pensar que trabalhar nessa área pode ser gratificante, e também sinto o retorno do desejo de auxiliar crianças e adolescentes no fomento de novas ideias, em sua educação e formação como cidadãos; coisa

que não sentia desde o início da graduação. Graças ao estágio supervisionado, foi possível retornar à realidade de um colégio e entender sua realidade por outro ponto de vista.

Referências

PAJARES, Frank. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. **Review of Educational Research**, v.62, n. 3,1992. p.316.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 1ºed. São Paulo: Cortez, 1999. p.15.

PERRENOUD, Philippe. A Prática Reflexiva no Ofício de Professor. **Profissionalização e Razão Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Não paginado.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO PEDAGÓGICA DA UEL PROFESSOR JOSÉ ALOÍSIO ARAGÃO EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL. **Projeto Político-Pedagógico**. Londrina. 2016. Disponível em: http://www.uel.br/aplicacao/pages/arquivos/Projeto_Politico_Pedagogico.pdf Acesso em: 05 set 2019